

A Geopolítica do Ártico: plataforma de projeção dos interesses russos no cenário geopolítico mundial

The Geopolitics of the Arctic: a platform for projecting Russian interests on the world geopolitical stage

Resumo: As particularidades naturais do espaço ártico e seu valor político-estratégico recolocam a região no centro dos interesses geopolíticos globais, como durante a Guerra Fria. O objetivo deste artigo é analisar os interesses de algumas nações nesse macro espaço, especialmente a Rússia. Nesse contexto, a nova rota do Mar do Norte traz vantagens econômicas e estratégicas, sobretudo ao diminuir significativamente a distância entre a Ásia e a Europa. A Rússia lançou alguns esforços para assegurar sua influência na região, materializada na Estratégia 2035, que reforça a sua preeminência ártica. O país esbarra no aumento do interesse internacional sobre a região. Além disso, ressalta-se o fato de que a Rússia é o único país ártico que não faz parte da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN). Este artigo apresenta como resultados o delineamento dos conflitos envolvendo a questão ártica e o reposicionamento russo frente a tal conjuntura.

Palavras-chave: Ártico, Rota do Mar do Norte, Estratégia 2035, pesquisa bibliográfica, reposicionamento russo.

Abstract: The natural particularities of the Arctic space and its political-strategic value place the region at the center of global geopolitical interests, as it had been during the Cold War. The purpose of this article is to analyze the interests of some nations in this macro space, especially Russia. In this context, the new North Sea route brings economic and strategic advantages, by significantly reducing the distance between Asia and Europe. Russia has launched efforts to ensure its influence in the region, materialized in the 2035 Strategy, which reinforces its Arctic pre-eminence. The country faces increased international interest in the region. Furthermore, the fact that Russia is the only Arctic country that is not part of the North Atlantic Treaty Organization is highlighted. The present article presents as results the delineation of the conflicts involving the Arctic question and the Russian repositioning in face of such conjuncture.

Keywords: Arctic, Northern Sea Route, Strategy 2035, Russian repositioning.

Analúcia Danilevicz Pereira 

Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, Instituto Meira Mattos
Rio de Janeiro, RJ, Brasil
ana.danilevicz@ufrgs.br

Eduardo Coelho de Oliveira 

Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, Instituto Meira Mattos
Rio de Janeiro, RJ, Brasil
majedwardooliveira.ccem2017@gmail.com

Júlio César Lacerda Martins 

Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, Instituto Meira Mattos
Rio de Janeiro, RJ, Brasil
profcapjuliocesar@hotmail.com

Ronaldo de Souza Campos 

Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, Instituto Meira Mattos
Rio de Janeiro, RJ, Brasil
tensouzacampos@gmail.com

Recebido: 27 abr. 2023

Aprovado: 06 ago. 2024

COLEÇÃO MEIRA MATTOS

ISSN on-line 2316-4891 / ISSN print 2316-4833

<http://ebrevistas.eb.mil.br/index.php/RMM/index>



Creative Commons
Attribution Licence

1 INTRODUÇÃO

O Ártico é um espaço de disputas históricas e, recentemente, os fenômenos climáticos, a Guerra na Ucrânia e a crise energética potencializaram-nas. A possibilidade de exploração de petróleo e gás natural tem estimulado ainda mais interesse nessa área. Os Estados presentes nesse espaço polar têm encampado batalhas estratégicas para afirmar seu domínio energético pois tem o direito de extraí-los e explorá-los em suas Zonas Econômicas Exclusivas (ZEE). O Kremlin saiu à frente reforçando suas frotas e bases militares, posicionando navios de exploração de recursos naturais e submarinos nucleares.

Igualmente importante é lembrar que, durante a Guerra Fria, o Ártico foi um espaço “quente” – Estados Unidos (EUA) e União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), representando seus respectivos blocos, tiveram uma “fronteira comum”, tornando-a uma região de extrema vulnerabilidade. Sob o ponto de vista geoestratégico, o final da Guerra Fria não redefiniu a capacidade de cooperação no espaço ártico. Ao contrário, a instabilidade e os novos tensionamentos internacionais acirraram a disputa nesse importante e estratégico espaço internacional.

O norte circumpolar é um macro espaço geopolítico de destacada importância na conjuntura geopolítica internacional. De acordo com Trevisan (1998, p. 11), o “Ártico compreende a região do extremo norte da Terra, inclusive as terras e o gelo ao redor do Polo Norte, nas quais a parte terrestre cobre em torno de 12,5 milhões de km² e o Oceano Glacial Ártico cobre aproximadamente 15 milhões de km²”. Essa porção do globo tem sofrido as consequências das mudanças climáticas e ambientais, entre elas a do aquecimento global. Nos últimos anos, o derretimento do gelo do Oceano Glacial Ártico levou nações como Rússia, Canadá, Noruega e Estados Unidos a reavaliar a sua geopolítica para a região (Gustafsson, 2021).

O aquecimento global, que está transformando a região ártica, significa o aumento da temperatura média da superfície terrestre, este provocado por fatores internos e externos. Os fatores internos estão associados à atividade solar, composição físico-química atmosférica, tectonismo e vulcanismo. Os fatores externos são causados pela ação do homem e relacionados a emissões de gases estufa por queima de combustíveis fósseis (Silva; Paula, 2009). De acordo com o Conselho do Ártico (2021), as consequências do aquecimento global acentuam-se profundamente na região do Ártico, cuja velocidade de atuação é três vezes mais rápida do que no resto do mundo. As mudanças ambientais na região afetam não apenas a população nativa, mas uma comunidade muito maior em todo o mundo.

Segundo Trevisan (1998) durante a Guerra Fria os Estados circumpolares estavam presos a um discurso geopolítico com foco no Ártico. Atualmente, o valor econômico ártico tem despertado o interesse de diversos países no que concerne ao acesso a grandes reservas de petróleo, gás natural e outros minerais. Ainda, surgem possibilidades de novas rotas comerciais marítimas no hemisfério norte. Gustafsson (2021) acrescenta que uma renovada arena de competição internacional ganha peso adicional devido ao processo de derretimento do gelo marinho do Ártico, o que vem provocando o aumento da presença militar como dos países de costa ártica e da China. Uma consequência da presença militar é o surgimento do clássico dilema de segurança. Essas nações, ao perceberem a presença militar estrangeira, apesar da ausência de ações hostis concretas, tenderão a armar-se ou a atuar de forma dissuasória.

Desse modo, o estudo do Ártico é fundamental por se tratar de uma região em transformação, que desperta o interesse internacional face ao seu potencial geoeconômico e geoestratégico. A nação que tiver o controle do Ártico terá uma vantagem significativa no cenário internacional. Além disso, a crescente militarização torna essa área um local de possíveis conflitos. Nesse sentido, este artigo procura avaliar os atores e pontos de tensão presentes nesse macro espaço geopolítico sob o ponto de vista da estratégia russa. Para tanto, realizou-se uma pesquisa de natureza exploratória em torno da geopolítica do Ártico com vistas a analisar os desdobramentos da Estratégia 2035, especialmente a possibilidade de uma nova corrida armamentista na região do Ártico.

2 A ESTRATÉGIA RUSSA 2035

A transformação do ambiente ártico e as oportunidades econômicas dela advindas instigou o desenvolvimento de uma estratégia russa de desenvolvimento para o Ártico, intitulada de Princípios da Política Estatal da Federação Russa no Ártico até 2035, designada doravante por Estratégia 2035. A Estratégia 2035 se situa no contexto de reemergência da Rússia no cenário internacional. De acordo com Visentini (2022), a Rússia, como herdeira da URSS, é o único Estado capaz de rivalizar com os EUA, frente a suas capacidades tecnológica, industrial, aeroespacial e militar. Uma forma de compensar as suas debilidades, é se lançar, sob o ponto de vista geopolítico, na priorização de seu entorno estratégico, em que o espaço ártico se apresenta como oportunidade econômica e geoestratégica para equilibrar a balança de poder mundial.

A Estratégia 2035 objetiva promover a exploração dos abundantes recursos energéticos da região, principalmente petróleo e gás. Ainda, em longo prazo, o Estado russo espera estabelecer a Rota do Mar do Norte (NSR - sigla em inglês), como uma nova rota comercial marítima global. Um dos pontos relevantes desse plano é a mensagem dupla em relação à agenda internacional russa, que pretende promover o Ártico como uma região de paz e estabilidade, mas também como um espaço onde a Rússia pode expandir suas capacidades militares para defender sua soberania e integridade territorial.

A presença militar russa é frequentemente interpretada pelo Ocidente como um sinal da crescente assertividade e perigo potencial. Segundo Sukhankin (2021), os interesses estratégicos russos não podem ser explicados por uma simples dicotomia entre “*hard power*” e “*soft power*”. Outras nações possuem interesse no Ártico, o que a torna uma área geopoliticamente disputada. De acordo com Gustafsson (2021), os seguintes desafios estão presentes no tocante à criação de um ambiente de segurança ártico:

- Tentativas de governos estrangeiros de reconsiderar os tratados internacionais básicos que regulam negócios e outras atividades no norte circumpolar;
- Incompletude das delimitações jurídicas internacionais dos mares do Ártico;
- Exclusão, por governos estrangeiros ou associações internacionais, da criação de negócios jurídicos ou outras atividades da Federação Russa no Ártico;
- Forças militares estrangeiras no Ártico.

O conteúdo da Estratégia 2035 destaca que o governo russo irá priorizar três áreas até 2035: a exportação de recursos através da Rota do Mar do Norte (NSR), a construção de

infraestrutura de uso dual (civil e militar) na NSR e o fortalecimento das defesas militares do Ártico. Segundo Mehdiyeva (2021), essa Estratégia difere de documentos anteriores ao mencionar explicitamente o crescimento potencial de conflitos nesta região, o que exige o correspondente aumento das capacidades militares das Forças Armadas russas no Ártico.

Aproximadamente 80% do gás natural e 17% do petróleo da Federação Russa são produzidos na zona do Ártico, enquanto que sua plataforma continental contém reserva estimada em 85,1 trilhões de metros cúbicos de gás e 17,3 bilhões de toneladas de óleo. A Estratégia 2035 reforça a visão de que o desenvolvimento socioeconômico da Rússia é função do acesso aos recursos econômicos. Nessa perspectiva:

A Estratégia 2035 especifica o lançamento de cinco projetos petrolíferos na plataforma continental, vinte e um projetos de desenvolvimento de minerais sólidos (desde diamantes a minerais como terras raras, titânio, quartzo, ouro e carvão) e três plantas petroquímicas. Mas o maior aumento na produção de recursos provém do gás natural liquefeito (GNL), que deverá aumentar de 8,6 milhões de toneladas em 2018 para 91 milhões até 2035. A garantia de escoamento para volumes tão grandes de GNL dependerá da capacidade da Rússia de desenvolver a NSR para entregas para a Ásia durante todo o ano (Mehdiyeva, 2021, p. 3).

Segundo Kluge e Paul (2020), o Estado russo deve arcar com um terço do investimento necessário para o desenvolvimento da NSR, que a Rosatom estima ser de aproximadamente US\$ 11,7 bilhões. O restante será dividido entre Rosatom, Rosneft, Novatek, Gazprom Neft, Gazprom, Nornickel, bancos e futuros usuários da rota. Moscou espera que os projetos comerciais para desenvolver a exploração de petróleo e gás offshore também possam estimular o desenvolvimento da nação.

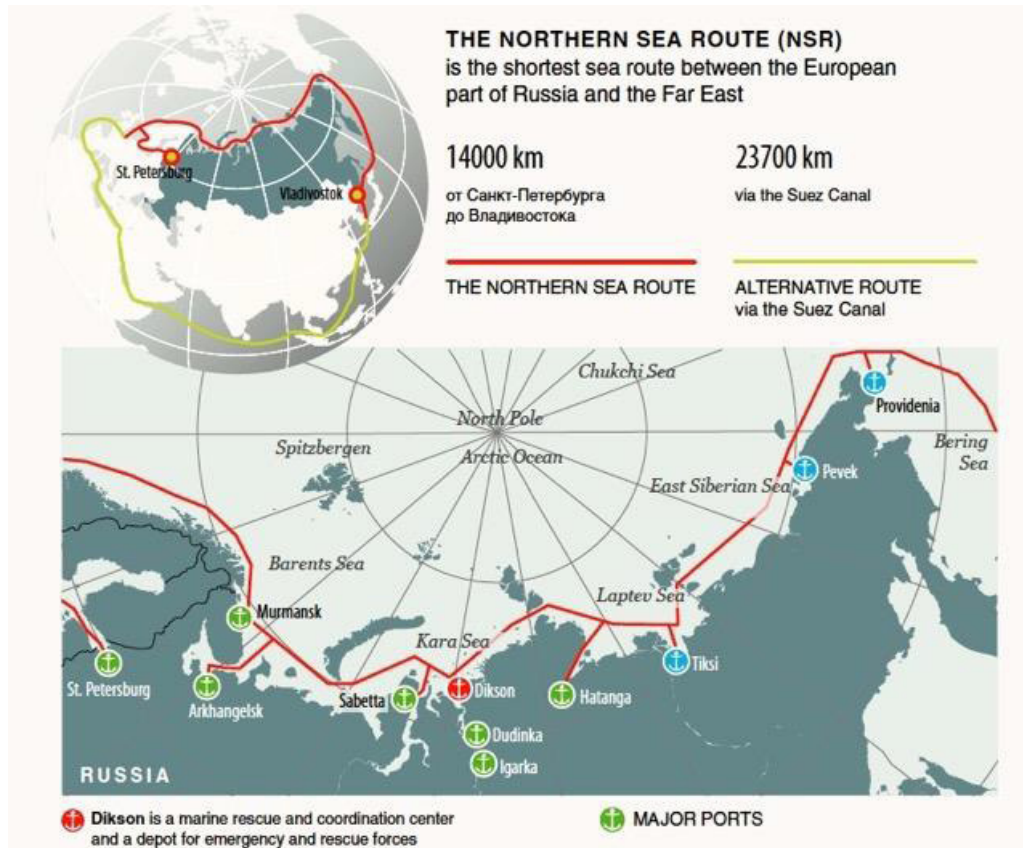
As áreas selecionadas para financiamento até 2035 se dividem em duas categorias: os locais ricos em recursos minerais (hidrocarbonetos e minerais sólidos) e os locais que proporcionam acesso ao oceano. No documento é atribuída uma grande prioridade à construção de portos para a exportação de recursos minerais através do NSR, tendo em vista a redução nos custos de transporte para os mercados finais. A Estratégia 2035 não preconiza a exploração em grande escala dos recursos da plataforma continental. Em vez disso, trata-os como uma “reserva estratégica” a ser mantida intocada até que as condições econômicas mudem e os preços aumentem suficientemente para apoiar o desenvolvimento da costa do Ártico.

De acordo com Sukhankin (2021), a maioria das ações especificadas no documento Estratégia 2035 gira em torno da Rota do Mar do Norte (NSR), que a Rússia informa ser a maneira mais curta, barata e segura de se chegar ao norte e ao oeste da Europa, a partir da Ásia, por via marítima. Além disso, o país vê a NSR como uma fonte de renda e como meio de fortalecer sua parceria com a China. Dessa forma:

A NSR compreende uma série de rotas que se desenvolvem desde Nova Zemlya até o estreito de Bering, com uma extensão que varia entre 2.200 e 2.900 NM e atravessa os mares de Kara, Laptev, Sibéria Oriental e Chukchi. A ligação entre o mar de Barents

e o mar de Kara é feita através do Estreito de Yugorskiy Shar, não causando especiais dificuldades à navegação (Baptista, 2015, p. 77).

Figura 1 – A Rota do Mar do Norte (NSR)



Fonte: Freight Week, 2016.

Segundo Filipe (2017), as principais rotas comerciais internacionais seguem um padrão que as coloca como via entre os continentes, sendo que a procura por ligações marítimas mais curtas entre a Europa e a região da Ásia-Pacífico é uma questão primordial. As rotas marítimas tradicionais apresentam pontos de passagem obrigatórios com elevada importância estratégica, os *chokepoints*, que são suscetíveis à ação da pirataria, por exemplo: o Canal do Panamá, o Canal do Suez, o Estreito de Ormuz e o Estreito de Malaca. A utilização da NSR evitaria os custos das ligações marítimas mais longas e a insegurança dos *chokepoints* mundiais.

A NSR possui grandes limitações em termos de infraestrutura de apoio à navegação, notadamente as que dizem respeito a comunicações, sistema de busca e salvamento e monitorização meteorológica. Segundo Perry (2012), a Estratégia Russa 2012, em seu parágrafo 12, previa o desenvolvimento de um sistema unificado de transportes no Ártico, incluindo a Rota do Mar do Norte e as comunicações fluviais e ferroviárias meridionais em torno desta. Esta assertiva denota a importância da NSR para a Rússia.

De acordo com Kotlyar (2022), membro do Conselho Jurídico Internacional do Ministério das Relações Exteriores da Rússia, a natureza da NSR como uma rota marítima nacional não nega sua abertura a navios de bandeira estrangeira, de acordo com a legislação. Assim sendo:

O armador ou capitão de embarcação que pretenda navegar no NSR deve, pelo menos 15 dias antes do início do movimento nesta zona, apresentar um pedido de navegação à administração do NSR para obter uma licença, que é emitida para um período definido. Ao navegar ao longo da NSR, os navios russos e estrangeiros devem possuir seguro e cumprir os requisitos especiais sobre o gelo. Além disso, devem informar à administração sobre a aproximação das fronteiras da zona de água NSR com 72 horas de antecedência, bem como informar diariamente sobre o movimento da embarcação, o seu estado e o tempo real de passagem dos limites da zona de água (Kotlyar, 2022, p. 4).

Conforme Kluge e Paul (2020), a Rússia irá priorizar o uso da NSR por empresas nacionais para a entrega de recursos energéticos aos mercados globais. Isso está formalizado na Estratégia 2035, que indica que a NSR projeta aumentar de 31,5 milhões de toneladas em 2019 para 130 milhões de toneladas em 2035, em termos de comércio de hidrocarbonetos. O comércio internacional russo compreenderá apenas 10 milhões de toneladas desse total.

Segundo Silva (2018), a Estratégia 2035 aborda, também, projetos de construção de instalações de busca e salvamento, navios quebra-gelos à propulsão nuclear e navios de abastecimento *offshore*, essenciais ao desenvolvimento da NSR. De fato, uma frota de quebra-gelos nucleares é considerada um pré-requisito para a consolidação efetiva do controle sobre a NSR. Havia previsão de construção de pelo menos cinco quebra-gelos movidos a energia nuclear, sendo que o primeiro deles, o Arktika, entrou em operação em outubro de 2020.

As estratégias russas buscam sedimentar a NSR como águas nacionais que fornecem à Rússia controle total sobre o Ártico, bem como buscam estabelecer o NSR como corredor de transporte nacional globalmente competitivo, segundo Sukhankin (2021). No entanto, a Rússia permanece dependente de aspectos como preços globais de energia, demanda asiática por recursos, restrições ambientais e segurança ártica, que restringem sua liberdade de ação no Ártico.

Relativo à presença militar russa no Ártico, historicamente as condições climáticas extremas atuaram como uma barreira natural que sempre protegeu a longa costa ártica russa. O derretimento do “gelo eterno” é, portanto, motivo de preocupação. A Estratégia 2035 discorre sobre o crescente potencial de conflito no Ártico, exigindo uma expansão permanente da presença militar da Rússia na região. Assim, a presença militar no Ártico busca alcançar três objetivos, quais sejam, reforçar sua defesa, especificamente em uma linha avançada contra incursões estrangeiras; garantir o futuro econômico da Rússia; e criar uma plataforma dissuasória, principalmente face ao Atlântico Norte.

Em certo sentido, a implementação da NSR pela Rússia sugere a adoção de novas fronteiras, que necessitam ser protegidas de potenciais agressores. Uma ameaça naval poderia teoricamente vir do leste, por meio do Estreito de Bering, ou do oeste, por meio de bases militares da

Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) na Groenlândia e na Noruega. A Figura 2 apresenta a reestruturação militar russa no Ártico para fazer frente a essas ameaças.

Figura 2 – Militarização russa no Ártico



Fonte: Reuters, 2017.

Os aumentos orçamentários russos foram substanciais para impulsionar as atividades militar e econômica na região ao longo das últimas décadas. Os grandes projetos de infraestrutura estão centrados na proteção dos recursos naturais e da passagem marítima da NSR. Ainda, conforme Melino e Conley (2020), a Frota do Norte russa é a maior frota nuclear de quebra-gelos do mundo, com mais de 40 navios, desempenhando um papel crucial no trânsito de navios na costa ártica da Rússia, através da NSR. Segundo os autores:

A postura militar da Rússia no Ártico enfatiza a defesa aérea e a marítima, com destaque para a reabertura de 50 postos militares da era soviética, anteriormente fechados. Isso inclui a reforma de 13 bases aéreas, 10 estações de radar, 20 postos fronteiriços e 10 estações integradas de resgate de emergência (Melino; Conley, 2020. p. 3).

Cabe destacar que a capacidade militar russa decorre, em boa medida, de iniciativas ligadas à reabilitação, mas, também, ao investimento estatal na estrutura herdada da URSS. Como pode ser observado na Figura 3, a Base Militar em Alexandra Land ratifica a estratégia de defesa russa em seus terminais de petróleo e gás.

Figura 3 – Base Militar em Alexandra Land



Fonte: CSIS, 2021

E ainda, Kluge e Paul (2021) destacam que:

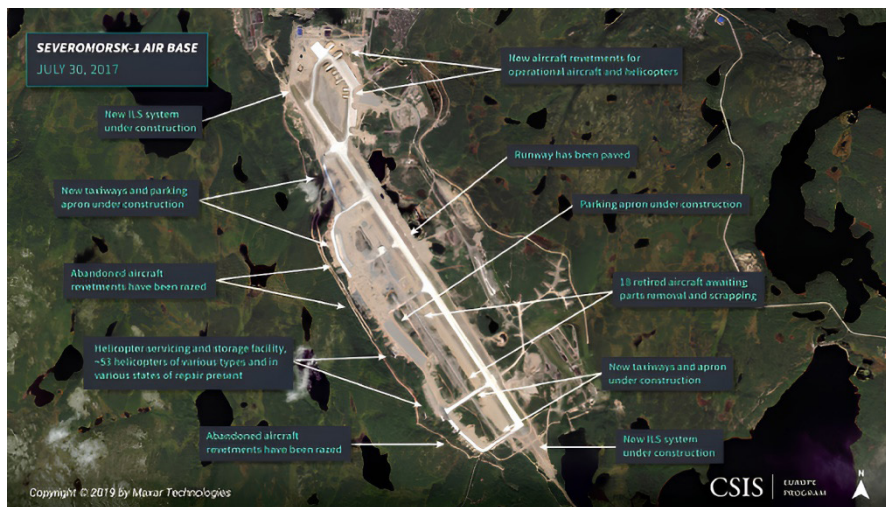
Do ponto de vista russo, seus terminais de petróleo e gás também são alvos principais, exigindo defesa. Em resposta, muitas das bases militares da era soviética, que haviam sido fechadas desde 1990, foram reativadas, e novas foram construídas, incluindo dez de busca e salvamento, dezesseis portos de águas profundas, dez novas bases aéreas e dez instalações de defesa (Kluge, 2021, p. 2).

Cabe acrescentar que, como aponta Mehdiyeva (2021), um sistema integrado de informações foi concebido no contexto do projeto Defenarctic, a fim de monitorar ações em terra, água e ar, atendendo os segmentos militar e civil. Espera-se que o projeto seja finalizado em duas etapas. A primeira, até 2024, na seção ocidental, que liga Teriberka, perto de Murmansk, à antiga base militar de Amderma, no Okrug autônomo de Nenets, e, a segunda, até 2026, na seção oriental, através dos portos de dupla utilização de Dixon, Tiksi e Pevek, com destino à Petropavlovsk-Kamchatsky, Yuzhno-Sakhalinsk, Nakhodka e Vladivostok.

Novos mísseis de defesa aérea foram estacionados perto de Novaya Zemlya, no Mar de Barents, e um míssil hipersônico foi testado como demonstração da força russa, em 2019.

Além disso, lançadores móveis de míssil terra-ar S-350 foram incorporados em uma estratégia de negação de área (A2/AD), protegendo as bases da Terra de Franz Josef, Severnaya Zemlya, Novas Ilhas Siberianas, Novaya Zemlya e Ilha de Wrangel. O alcance do sistema como um todo abrange todos arquipélagos ao longo da NSR. A capacidade de projeção do vetor aéreo também está presente na reestruturação militar russa no Ártico, como pode ser observado na Figura 4, em Severomorsk (Kluge; Paul, 2020).

Figura 4 – Base Aérea de Severomorsk-1



Fonte: CSIS, 2020

Em outubro de 2019, dez submarinos russos passaram pelo Mar da Noruega a caminho do Atlântico Norte, na maior manobra desse tipo desde o fim da Guerra Fria. Em agosto de 2020 um avião de guerra russo perseguiu um bombardeiro dos EUA no espaço aéreo dinamarquês durante o exercício Allied Sky da OTAN. Todas estas ações apresentam ao mundo o reaparelhamento militar russo, especialmente na região ártica. Vale ressaltar que a Estratégia 2035 não dá ênfase ao conflito ou à militarização, mas se alinha com a postura de Moscou de melhorar as defesas do Ártico. Apesar do governo russo não optar propositalmente por um confronto aberto no Ártico, o país se planeja e se prepara para eventuais conflitos de interesses envolvendo o controle da NSR.

3 O INTERESSE INTERNACIONAL NO ÁRTICO

Com o final da Guerra Fria e as mudanças políticas internacionais a partir dos anos 2000, com destaque para a inflexão estratégica russa, o Ártico se tornou, novamente, uma zona de disputa. Neste sentido, antigas bases soviéticas estão sendo reabertas e modernizadas, e novas bases estão sendo construídas. De fato, a expansão da OTAN rumo ao leste, incorporando novos países à aliança atlântica, contribuiu para esta atitude defensiva russa. Outros países, com destaque para a China, possuem grande interesse na adoção de um regime multilateral e estável para a região. Portanto, existe uma confluência de agendas, interesses e fatores

internacionais que tornam as relações internacionais no Ártico complexas, mas que têm a Rússia como ator central.

Segundo Berthiaume (2020), o Chefe do Comando de Defesa Aeroespacial da América do Norte (NORAD - sigla em inglês), general estadunidense Terrence O'Shaughnessy, destacou a necessidade de modernizar o sistema de alerta antecipado no Ártico, ao passo que advertiu que os Estados Unidos e o Canadá perderam sua vantagem militar no Ártico para a Rússia. Em comentários escritos ao comitê do Senado dos EUA sobre Forças Armadas, o general disse que os novos lançadores de mísseis de cruzeiro terrestres dentro do território russo representam uma ameaça nova e direta à América do Norte por causa de seu alcance e capacidade de operar no Ártico. Além disso, o comandante do NORAD também destacou as preocupações com o crescente interesse da China no Ártico, que inclui o que O'Shaughnessy descreveu como “sinais de uma cooperação estratégica nascente, mas crescente” com a Rússia.

Em contraposição ao pensamento da OTAN, em 17 de maio de 2021, o ministro das Relações Exteriores da Rússia, Sergei Lavrov, afirmou que o Ártico pertence à Rússia e que as atividades militares da Rússia na região são legítimas. Três dias depois, o presidente Vladimir Putin acrescentou que a Rússia “arrancará os dentes” de quem tentar “tirar um pedaço” da Rússia. Nesse sentido:

Os investimentos russos no desenvolvimento socioeconômico da zona do Ártico não são apenas um meio para aumentar o bem-estar de seus cidadãos, que é um propósito declarado nas políticas expostas no Conselho do Ártico, órgão internacional em que a Rússia possui a atual presidência. É também um meio para apoiar a afirmação de que a Rússia é uma verdadeira potência ártica com uma população ártica. Além disso, o desenvolvimento socioeconômico significa que as operações militares serão mais fáceis de sustentar quando a infraestrutura civil, como portos de uso duplo, aeródromos e estradas, for mantida e expandida (Gustafsson, 2021, p. 2).

Desse modo, as potências árticas têm acelerado a modernização de suas forças armadas. O desenvolvimento de novas tecnologias constitui objetivo central no debate doméstico desses países, uma vez que questões militares e econômicas estão entrelaçadas. Em agosto de 2020, o presidente estadunidense demandou dos departamentos executivos dos EUA um projeto de desenvolvimento de uma frota de navios quebra-gelos, possibilitando o reforço à presença militar do país no Ártico.

Mattos (2021) relata que as ambições militares da China no Ártico e a sua parceria com a Rússia deixam governos e políticas externas em alerta. Ainda que não haja uma política militar clara para o extremo norte do planeta, a região é essencial para a dissuasão perpetrada pela China, principalmente em relação aos Estados Unidos. Desde 2016, a projeção e a construção de embarcações de capacidade polar tem sido um dos objetivos declarados dos chineses, favorecendo, principalmente, a efetivação do projeto da Rota da Seda Polar.

Percebe-se, portanto, que a China se posicionou internacionalmente como um Estado “próximo ao Ártico” e como “uma importante parte interessada nos assuntos do Ártico” desde o lançamento, em 2018, da “Política do Ártico da China”. Entretanto, desde os anos 2000, a China

atua na região, promovendo expedições de caráter científico e militar, manifestando real interesse nas riquezas naturais árticas e na possibilidade de estabelecimento de rotas interconectadas através do sul da Ásia.

Contudo, a transformação da ordem mundial posterior à Guerra Fria deve constituir a base explicativa das tensões mundiais das últimas três décadas. Rússia e China, apesar dos antagonismos históricos, convergem na defesa de uma ordem multipolar estável, mas que ainda é permeada por conflitos e crise econômica. A eclosão de um enfrentamento mundial multifacetado entre “Oriente e Ocidente” não pode ser descartada e o Ártico certamente será um espaço de disputas.

4 CONCLUSÃO

A Federação Russa considera o Ártico como um pilar para o seu retorno ao *status* de grande potência. Esse macro espaço geopolítico apresenta substancial valor econômico, diante das reservas minerais e da biodiversidade existentes, e pujante valor geoestratégico, uma vez que sedia a Rota do Mar do Norte (NSR), uma alternativa mais curta de ligação marítima entre a Europa e a Ásia.

A Estratégia 2035 estabelece duas prioridades para o Ártico, quais sejam, a exploração econômica e a segurança regional russa na NSR. Assim, a presença militar da Rússia no Ártico visa garantir o futuro econômico do país e criar uma plataforma de dissuasão. Esse documento delinea os objetivos estratégicos russos para o espaço ártico, ao passo que identifica determinados atores que claramente poderão dificultar seu atingimento, em médio e longo prazos. Nesse contexto, a Estratégia 2035 prevê uma possível corrida armamentista na região do Ártico com potencial para recrudescer conflitos de interesse pelo acesso às fontes de recursos minerais, especialmente hidrocarbonetos, e acesso à linha de comunicação marítima balizada pela NSR.

A presença militar russa para o norte é justificada pelo fato de que a Rússia considera que o degelo ártico cria vulnerabilidades territoriais à sua porção setentrional, o que endossa sua estratégia de proteção da plataforma continental norte e da NSR. Para tanto, a Rússia tem aumentado suas capacidades militares nesta área, que se materializam na construção de novas bases e na reativação daquelas da era soviética. Este aparato está sendo mobilizado desde o Estreito de Bering até o Mar de Barents, o que corresponde a um forte instrumento de dissuasão no contexto internacional.

A crescente militarização russa no Ártico tem causado insegurança em outros atores internacionais, como Estados Unidos, Canadá, Noruega e China, dentro do escopo do chamado dilema de segurança. Tal condição tem potencial para provocar o surgimento de uma corrida armamentista ártica, que tem composto, com primazia, a pauta das agendas de organismos multilaterais voltados para o Ártico, como o Conselho do Ártico, que tem a presidência atual ocupada pela Rússia.

Outro interesse geopolítico é a Rota do Mar do Norte (NSR), que evita estreitos internacionais (*chokepoints*) com problemas consagrados de segurança, como o Estreito de Malaca, o Canal de Suez e o Golfo de Áden. Esta nova rota poderá contribuir decisivamente para o comércio marítimo internacional. Fruto disso, disputas internacionais poderão se acirrar na busca da

utilização desta ligação, o que é restringido pela própria Rússia. Assim, a Estratégia 2035 identifica claramente o interesse internacional pelo espaço ártico, que poderá fomentar, em curto espaço de tempo, conflitos potenciais e reais.

Por fim, a atual situação geopolítica do Ártico, impactada pelas atuais mudanças climáticas, pelo interesse comercial e pela corrida armamentista, tem fomentado a disputa entre nações com interesse ártico e a própria Rússia, que usa a Estratégia 2035 para endossar as suas ações para o Oceano Glacial Ártico, particularmente no que tange à plataforma continental russa e à NSR. Essa dinâmica chama atenção para esse importante espaço geopolítico e propõe uma nova pauta para as agendas internacionais de defesa e economia, que é capaz de mudar as relações de poder entre atores que compõem a arena política internacional.

REFERÊNCIAS

- BAPTISTA, A. O Ártico, Geopolítica e Desafios Transnacionais. **Revista Científica Academia da Força Aérea**, Pirassununga, v. 50, 2015.
- BERTHIAUME, L. N. Commander says Canada, U.S. have lost Arctic military advantage over Russia. **Global News**, [s. l.], 13 fev. 2020. Disponível em <https://globalnews.ca/news/6548127/norad-commander-us-canada-russia-arctic/>. Acesso em 10 de julho de 2022.
- CONSELHO DO ÁRTICO. Pathways. **Arctic Council**, [s. l.], maio 2021. Disponível em: https://www.arctic-council.org/resources/pathways_2021. Acesso em: 25 março 2022.
- FILIPE, G. M. D. **A Rússia, a China e o Ártico: a navegabilidade na Northern Sea Route**. 2017. Dissertação (Mestrado) - Universidade de Minho, Minho, 2017.
- FREIGHT WEEK. **GAC and Russia to develop Northern Sea Route**. Freight Week, [s. l.], 2016.
- GUSTAFSSON, P. Russia's Ambitions in the Arctic Towards 2035. **FOI Memo 7624**, Stockholm, 2021.
- KLUGE, J.; PAUL, M. **Russia's Arctic Strategy through 2035**. Stiftung Wissenschaft und Politik, Deutsches Institut für, Internationale Politik Sicherheit, 2020.
- KOTLYAR, V. **Использование ледоколов в акватории Северного морского пути**. Disponível em: <https://russiancouncil.ru/sevmorput#kotlyar-us-diver>. Acesso em 25 abr. 2022.
- MATTOS, L. F.; COSTA, R. da S. D. As fronteiras geopolíticas do Ártico: novo centro de disputas pela hegemonia global. **Revista Geopolítica Transfronteiriça**, Tabatinga, v. 1, n. 1, p. 73-93, 2021.
- MEHDIYEVA, N. **Strategy of Development of the Arctic Zone of the Russian Federation and the Provision of National Security for the Period to 2035**. NATO Defense College. Russian Studies Series, v. 1, p. 21, 2021.
- MELINO, M.; CONLEY, H. A. **The ice curtain: Russia's Arctic military presence**. Center for Strategic and International Studies, v. 26, 2020. Disponível em: <https://www.csis.org/analysis/ice-curtain-russias-arctic-military-presence>. Acesso em: 30 ago. 2024.
- MORAES, J. R. G. de S.; MACENA, J. R. M. O aquecimento global e a geopolítica do Ártico - uma oportunidade para a retomada da hegemonia russa na eurásia. **Revista Brasileira de Estudos Estratégicos**, Niterói, v. 15, n. 29, p. 7-29, 2023.

NIKANOROV, S. **Russia's army is like an Arctic civilization: A full conquest of the Arctics is carried out by our militaries only.** Disponível em: https://www.ng.ru/armies/2020-03-17/100_arctic170320.html. Acesso em: 5 set. 2022

PERRY, C. **New Strategic Dynamics in the Arctic Region.** Implications for National Security and International Collaboration. Washington, DC: The Institute for Foreign Policy analysis, 2012.

REUTERS. **Russia's Arctic expansion.** REUTERS, Londres, 2017.

SILVA, C. S. N. **A Geopolítica do Ártico e a política externa da Rússia para a região (2007-2017).** 2018. Tese (Doutorado) - Universidade de Lisboa, Lisboa, 2018.

SILVA, R. W. da C.; PAULA, B. L. de. Causa do aquecimento global: antropogênica versus natural. **Terra e Didática**, Campinas, v. 5, n. 1, p. 42-49, 2009.

SUKHANKIN, S.; BOUFFARD, T.; LACKENBAUER, P. W. **Strategy, Competition, and Legitimization:** Development of the Arctic Zone of the Russian Federation. *Arctic Yearbook*, [s. l.], 2021.

TREVISAN, M. C. **El Ártico y La Antártida:** su rol em las relaciones internacionales desde la perspectiva ambiental. Rosário: Centro de Estudios em Relaciones Internacionales de Rosario (CERIR), 1998.

VISENTINI, P. F. **O Desafio do Oriente na Crise do Ocidente:** Estudos sobre a conjuntura e a estrutura (2019-2021). Porto Alegre: Instituto Sul-Americano de Política e Estratégia (ISAPE), 2022.